IMAGINÁRIO E CRIME NO BRASIL: GOLPES, GOLPISTAS E SUAS VÍTIMAS[1]

IMAGINARY AND CRIME IN BRAZIL: BLOWS, COUP LEADERS AND THEIR VICTIMS

IMAGINARIO Y CRIMEN EN BRAZIL: GOLPES, GOLPISTAS Y SUS VÍCTIMAS

Getúlio Nascentes da Cunha(*)

Muitas vezes nos assustamos com relatos nos jornais (escritos e televisados) do crescimento de determinados golpes aplicados em pequenas e grandes cidades que nos perguntamos "mas como as pessoas se deixam enganar por uma coisa dessas?". Anda em voga por exemplo a assim chamada "saidinha de banco", onde pessoas que acabaram de sacar dinheiro de suas contas são levadas a prestar ajuda a um desconhecido na saída do banco. Essa ajuda acaba por resultar na perda do dinheiro que havia sido sacado.

Qual de nós, como chama atenção Paulo Miceli no Prefácio do livro *Os contos e os vigários*, nunca recebeu pelo Correio, email, MSN, amigos e desconhecidos, algum tipo de corrente determinando a necessidade de se enviar um dado número de cópias para outros sob o risco de que com a quebra do ciclo grandes riscos se materializariam, enquanto a manutenção da corrente representaria a possibilidade de um saldo positivo num futuro breve?

A trapaça, o engodo, o engano é o tema do livro de José Augusto Dias Júnior, resultado de sua tese de doutorado defendida na USP e agora publicada pela editora Leya. "O conto do vigário" é uma expressão que entrou para o cotidiano de todos nós. Todos a usamos para descrever formas variadas de trapaças aplicadas por espertalhões em cima de pessoas nem sempre tão ingênuas como normalmente supomos (é o que nos demonstra Dias Jr. em seu livro). Basta lembrarmos o ocorrido há poucos anos no estado de Goiás com a criação de avestruzes! Todo um conjunto de pessoas de várias condições sociais acabaram perdendo grandes e pequenas somas de dinheiro, demonstrando que não foram apenas aqueles com poucos conhecimentos e recursos que entraram na ilusão de lucros acima do normal em um curto período de tempo[2].

* Doutor e mestre em História pela Universidade de Brasília. Atualmente é Professor Associado na Universidade Federal de Goiás e Membro de corpo editorial da Revista OPSIS. E-mail: getulionascentes@uol.com.br

[1] DIAS Júnior, José Augusto. Os contos e os vigários. Uma história da trapaça no Brasil. São Paulo: Leya, 2010.

[2] Os investimentos na criação de avestruzes pode ser comparado às famosas "pirâmides". A promessa era de retornos significativos, acima dos obtidos no mercado, num curto prazo. Num

O autor nós leva, ao longo de sua narrativa, a percorrer as principais trapaças que foram aplicadas no Brasil desde o final do século XIX até os dias atuais, alguns deles com uma permanência e uma capacidade de adaptação aos tempos que chama a atenção, a "saidinha de banco" é dessas permanências que nos surpreende. Não deixa de ser curioso a descrição dos vários golpes aplicados como o próprio "conto do vigário" que o autor procura as origens da expressão no início do século XX. Apenas para nos determos nesse exemplo vejamos uma das hipóteses resumidamente. O golpe era aplicado a partir de uma rede internacional com base na Espanha. Alguém com posses o suficiente na Brasil recebi uma correspondência vinda da Espanha com vários requintes de "autenticidade" como selos de "supostas" instituições, cuja origem era um vigário que, em confissão, teria ouvido uma história que relacionava o brasileiro com um espanhol que ele haveria conhecido anos antes. Esse personagem após várias peripécias teria deixado uma filha menor e o desejo de que ela fosse criada pela brasileiro, junto claro com uma grande fortuna que deveria ser administrada. Entretanto, entraves burocráticos que necessitavam de certos adiantamentos em dinheiro emperravam o envio da menina junto com a fortuna para sua nova casa no Brasil! Tudo isso "comprovado" por cartas e certidões, que com as distâncias da época eram difíceis de serem verificadas. Claro está que uma vez pago os adiantamentos necessários, nenhuma outra notícia era recebida, ficando apenas a constatação de que havia sido enganado.

Seguem-se vários tipos de golpes, com a mesma característica. Uma bela história é contada e alguém acaba lesado. Este é, sem dúvida, o grande mérito do livro. A proposta de ver os golpes como uma encenação de teatro, onde golpista e lesados seriam os atores. Segundo sua argumentação os aplicadores dos golpes teriam qualidades de representação acima da média dos atores formais, já que não só desempenham com desenvoltura o papel que assumem, mas apresentam ainda grande capacidade de improvisação, já que o outro ator (o enganado) não está ciente do papel que representa e pode, a qualquer momento, fugir do roteiro. Nesse sentido, o autor acaba aliviando o peso que aqueles que sofreram golpes do tipo sentem. Não seria a ingenuidade ou a incapacidade intelectual que levaria as pessoas a caírem na armadilha armada contra eles, mas sim a habilidade artística do outro que acaba por levar suas vítimas a desempenharam um papel sem nem mesmo se aperceberem.

Claro que em alguns dos golpes apresentados no livro há sempre a necessidade de que o ludibriado aja com intenção de auferir uma vantagem nem sempre justa ou legal. Como são, por exemplo, os golpes em que se passando por "ingênuos caipiras" recém chegados na cidade, ludibriam os "espertos cita-

primeiro momento, isso pode ser mantido pela utilização de novos investimentos para garantir o retorno dos antigos. Mas à medida que a entrada de novos investidores diminuíam todo o edifício ruiu e a inviabilidade do negócio se tornou transparente

dinos" que julgavam ver ali uma oportunidade de ganho em cima do desconhecimento que o outro tinha da vida urbana. O que nos leva ao outro argumento do autor, para quem a proliferação dos "contos do vigário" em suas variadas faces está diretamente relacionada ao desenvolvimento do espaço urbano.

Unindo as duas argumentações anteriores e se constituindo como a base do argumento, está o conceito de imaginário. José Augusto Dias Jr. procura em seu livro demonstrar como cada um dos golpes aplicados só deu o resultado esperado porque o golpista/autor das tramas era capaz de perceber, ainda que inconscientemente os traços do imaginário de cada época que lhe permitia fazer com que sua história tivesse sentido e pudesse ser aceita pelo outro ator, isto é, sua vítima. Como nos diz, "o que importa, para os propósitos do vigarista, é que esse mundo seja convincente: que tenha força de persuasão suficiente para envolver quem deve ser envolvido e, assim, espoliado" (p. 50). Completando um pouco mais abaixo: "para dizê-lo de outra forma, o conto do vigário não apenas tem história: ele também reflete a história. Ele se organiza a partir de enredos que manobram com crenças e convicções, esperanças e medos, conceitos e preconceitos - em uma palavra, com imaginários" (p. 50)

Partindo do conceito, José Augusto procura a cada momento não só nos apresentar os golpes em suas formas e variações, mas demonstrar como cada um deles estava ancorado numa dada cultura e, como sua permanência ou não, dependia, essencialmente, de sua capacidade de se adaptar às novas realidades que se apresentavam. Dessa foram, o primeiro "conto do vigário" dificilmente poderia ser aplicado hoje, já que os meios de comunicação permitiriam uma rápida averiguação das informações que eram apresentadas. Mas outros golpes como o do bilhete de loteria premiado, tem se mostrado capaz de se adaptar às mudanças da sociedade.

O livro não é, certamente, uma simples coleção de casos curiosos que poderiam agradar a qualquer leitor, daqueles que sentem certo prazer mórbido em se inteirar das desgraças alheias, já que em muitos momentos a narrativa se torna arrastada pela necessidade acadêmica[3] de demonstração das teses do autor, em especial, a ligação dos golpes com o imaginário da época. Não que isso tire o prazer da leitura por parte de um público mais geral, mas certamente vai desagradar um pouco aqueles que apenas gostam de esticar seus pescoços para uma rápida olhada nos acidentes de trânsito. Já para o público mais especializado o livro talvez traga uma frustração. Apesar de correto e bem escrito, é difícil não chegar ao final de suas mais de 300 páginas com a sensação de que apenas a metade delas teria sido suficiente e as outras foram apenas mais uma ilustração sobre o mesmo tema.

Resenha recebida em 16/02/2013 e aceita parar publicação em 28/02/2013

[3] Vale lembrar aqui que o livro é resultado da tese de doutorado em História Social na USP.